

## Pluralismo cultural e religioso na pós-modernidade

Cultural and religious pluralism in post-modernity

**Stela Maris Martins**

[stelamartins.to@gmail.com](mailto:stelamartins.to@gmail.com)

Stela Maris Martins é bacharel em Ciências da Religião pelas Faculdades Integradas Claretianas, em São Paulo; licenciada em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília e atualmente cursa Ciências Sociais na PUC-RJ.

### Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o pluralismo cultural e religioso no contexto da pós-modernidade, analisando as principais mudanças ocorridas nos indivíduos e na sociedade a partir do final do século XX. A mudança de época trouxe novos desafios e oportunidades referentes à diversidade cultural e religiosa. Reconhecer a dignidade de cada pessoa e respeitar os direitos humanos são fundamentais para a coexistência e a paz globais.

Palavras-chave: pluralismo; religião; cultura; pós-modernidade.

### Abstract

This article aims to reflect on cultural and religious pluralism in the context of postmodernity. Here, we analyze the main changes occurred in individuals and in society since the end of the 20<sup>th</sup> century. The change of era brought new challenges and opportunities regarding cultural and religious diversity. Recognizing the dignity of each person and respecting human rights is fundamental to achieve global peace and coexistence.

Keywords: pluralism; religion; culture; postmodernity.

## Introdução

A transição do século XX para o XXI e o início de um novo milênio geraram grandes expectativas nos mais diversos povos, habitantes da grande Casa Comum, nosso planeta Terra. Aqueles que tinham uma certa idade guardam alguma memória dessa passagem. O que ocorria, no entanto, não se restringia apenas à transição em termos cronológicos, mas o mundo também estava passando por uma nova mudança de época. Os traços típicos da modernidade foram alterados por elementos característicos da pós-modernidade. E o que isso significa? Giddens, em *Consequências da Modernidade*, afirma que:

Afora o sentido geral de se estar vivendo um período de nítida disparidade do passado, o termo [pós-modernidade] com frequência tem um ou mais dos seguintes significados: descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológicas e talvez de novos movimentos sociais em geral.. (1991, p.45)

Essas e outras conseqüências são sentidas de alguma maneira por todos, em todos os lugares. Em um ritmo como nunca antes visto, testemunhamos as fronteiras diluírem-se, as distâncias tornarem-se relativas e a noção de tempo e espaço se modificar. O cotidiano das pessoas foi influenciado por tais mudanças, criando novos hábitos e estilos de vida, transformando costumes, afetando inclusive os sistemas de crenças, “cujos confins simbólicos não conseguem mais controlar suas ‘fronteiras’” (TEIXEIRA & DIAS, 2008, p.189). É fato que quase a totalidade das sociedades, independentemente do lugar que ocupam no globo, tornaram-se mais plurais. Assim, aprender a arte da convivência na diversidade, reconhecendo no outro a sua dignidade humana e seus direitos, é tanto uma necessidade quanto um apelo deste novo século para garantir a paz e a coexistência.

## Algumas principais transformações no mundo pós-moderno

As grandes transformações da humanidade não podem ser explicadas por fatores singulares. Contudo, não podemos falar de pós-modernidade sem ressaltar as implicações que a globalização teve nesse processo. Apesar de não ser uma novidade, a partir de 1970 este fenômeno passou a impactar o mundo em um ritmo muito mais acelerado. Stuart Hall refere-se à globalização como:

(...) um complexo de processos e forças de mudanças atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado. (HALL, 2015, p.39)

De acordo com Giddens, este fenômeno não afeta somente grandes sistemas desconectados da vida do indivíduo, mas “é um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas” (GIDDENS, 2003, p.22). Verifica-se, portanto, que a globalização conduz a um efeito de mão-dupla: por um lado, ela transforma a identidade do indivíduo, por outro há uma transformação sócio-cultural, uma vez que o ser humano ao ser transformado também produz novas realidades. Giddens afirma essa ideia ao dizer que, “ao forjar suas autoidentidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para as influências sociais que são globais em consequências e implicações” (GIDDENS, 2002, p.9).

Por essa razão, para compreender o atual pluralismo cultural e religioso é importante entender as modificações pelas quais o indivíduo moderno passou e quais as características do sujeito pós-moderno. O pensamento de Hall ilumina essa reflexão. O autor discorre sobre três concepções de identidades do indivíduo apontando para as transformações do sujeito moderno e as características do sujeito pós-moderno. A primeira refere-se à identidade do sujeito do Iluminismo. Nela, o indivíduo era totalmente centrado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia em um núcleo interior. Percebemos nesta concepção uma centralidade no “eu”, ou seja, um grande individualismo. Esta identidade entrou em declínio e emergiu a identidade do sujeito sociológico. Nela existe a consciência de que a identidade individual é formada na interação entre o “eu” e a sociedade, da relação entre interior e exterior, pessoal e público. Conforme essas características explicitadas, percebe-se que há um alinhamento entre subjetividade e mundo objetivo. Stuart Hall argumenta que essa concepção de indivíduo também está em fase de mudança. Segundo o autor, hoje o sujeito é fragmentado, composto de várias identidades, às vezes contraditórias.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2015, p.10)

Um outro impacto causado pela globalização refere-se ao deslocamento das culturas nacionais. Bauman aponta para esta transformação descrevendo que, no projeto iluminista, a

compreensão de cultura estava fortemente associada à ideia de Estado-nação e os territórios nacionais demarcavam as especificidades culturais. O autor enfatiza que os intelectuais que defendiam a teoria evolucionista acreditavam que os europeus estavam no estágio mais avançado em termos de cultura e tinham como missão levar o esclarecimento aos “selvagens” do terceiro mundo, fundamentando assim práticas imperialistas (BAUMAN, 2013, p.14).

Hall afirma que a ideia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado e sólido está sendo dissolvida. A compressão espaço-tempo de uma sociedade “em rede” cria ferramentas para um choque ou uma hibridização de diferentes identidades formadas ao longo do planeta. Assim, a percepção é que o mundo está menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares distantes (HALL, 2015, p.35). As novas tecnologias, especialmente aquelas na área de comunicação, têm colaborado de forma significativa para o rompimento da delimitação de espaços e, como consequência, temos uma maior interação entre as diversas pessoas e culturas. A Unesco, através da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, aponta para os benefícios e o desafio que a globalização impõe às diversas culturas:

Os processos de globalização, facilitado pela rápida evolução das tecnologias de comunicação e informação, apesar de proporcionarem condições inéditas para que se intensifique a interação entre culturas, constituem também um desafio para a diversidade cultural, especialmente no que diz respeito aos riscos de desequilíbrios entre países ricos e pobres. (UNESCO, 2006)

Diante da globalização, alguns teóricos chegaram a questionar se a sociedade, com o passar do tempo, se tornaria mais homogênea em termos culturais. Bauman afirma que no mundo atual não há mais uma verticalização das culturas; elas entram em interação em um plano marcado pela horizontalidade. O autor lembra que “hoje os modos de vida flutuam em direções diferentes e não necessariamente coordenados; entram em contato e se separam, aproximam-se e se distanciam, abraçam-se e se repelem, entram em conflito ou iniciam um intercâmbio de experiências” (BAUMAN, 2013, p.38). Assim, em vez de homogeneização, o que de fato ocorre é uma grande interação entre as diversas culturas que já não estão mais restringidas a um território nacional. “Ao contrário do passado, a realidade de viver na estrita proximidade de estranhos parece algo que chegou para ficar; assim, exige que se desenvolvam ou se adquiram habilidades que possibilitem a coexistência diária com modos de vida diferentes dos nossos (...)” (BAUMAN, 2013).

Seja através de experiências pessoais ou através de relatos que ouvimos ou lemos sobre o contato de uma cultura com uma outra distinta, sabemos que “o outro” comumente causa

estranheza. Um exemplo histórico que ilustra essa realidade são as narrativas dos primeiros contatos entre os espanhóis e indígenas na América. François Laplantine, na obra *Aprender Antropologia*, traz um desses relatos:

Assim ocorrem curiosas situações onde dois interlocutores dão-se cruelmente a réplica. Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões para pesquisar se os indígenas possuíam ou não uma alma, estes empenhavam-se em emergir brancos prisioneiros a fim de verificar, por uma observação demorada, se seus cadáveres eram ou não sujeitos à putrefação. (LAPLANTINE, 1988, p.40)

De acordo com Berger, dois movimentos podem dificultar a coexistência de comunidades étnicas, morais e religiosas em uma sociedade: o relativismo e o fundamentalismo (2017, p.44). A relativização, ou seja, “a compreensão de que a realidade pode ser percebida e vivida de uma maneira diferente daquela que alguém pensava ser a única forma possível” (BERGER, 2017, p.24), é um passo importante no processo de interação entre culturas, no entanto, é bom ressaltar que relativizar também implica no enfraquecimento de prévias certezas (BERGER, 2017, p.33) e conseqüentemente leva ao enfraquecimento do consenso moral sem o qual nenhuma sociedade pode sobreviver (BERGER, 2017, p.44). Por outro lado, em face da insegurança causada pela fluidez do mundo moderno e do relativismo, muitos fazem grandes esforços para restaurar a certeza ameaçada, levando ao fundamentalismo. Giddens diz que o fundamentalismo é a tradição defendida da maneira tradicional num mundo globalizante que exige razões (2003, p.58). Para Berger, embora o termo seja aplicado a movimentos religiosos, ele não se restringe a estes. De acordo com o autor, há vários fundamentalismos seculares, sejam eles políticos, filosóficos, estéticos e mesmo culinários ou atléticos. “O projeto pode consistir em voltar a uma certeza (real ou imaginária) do passado ou em olhar com uma postura de segurança para o futuro... em outras palavras, há fundamentalismos reacionários e progressistas” (BERGER, 2017, p.34).

Recentemente, na cidade do Rio de Janeiro, um caso de xenofobia chocou a população. Mohamed Ali, um jovem sírio, vendia esfirras em Copacabana, quando um homem, com um pedaço de pau nas mãos, derrubou a barraca do jovem enquanto gritava “volte para seu país!” e cantava “eu sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor!” Na reportagem de Gabriela Viana para o site *O Globo* há um vídeo mostrando esse acontecimento (cf. VIANA, 2017). Infelizmente, casos de intolerância como esses tem se repetido em diferentes países, principalmente nos países economicamente mais desenvolvidos do hemisfério norte, onde o número de imigrantes tem aumentado de forma relevante. De acordo com a *International Organization for Migration*, somente em 2016, um total de 1.046.599 migrantes chegaram à

Europa. Como lembra Bauman, “(...) a tolerância costuma ser exercida à distância. Quando isso é ameaçado, uma retórica de invasão e pureza em geral se disfarça com sutileza em outra, que proclama o direito de toda pessoa viver sua vida como desejar, contando que em seu próprio país” (2010, p.213). O autor nomeia essa atividade de hegemonia cultural. Ele ressalta que o pluralismo cultural se opõe a esta postura, sendo caracterizado pela tolerância mútua e coexistência das diferentes culturas sem linhas claras delimitando seus campos de influência.

Sabemos que cada cultura é formada por várias dimensões. Segundo a Unesco, “a cultura pode, hoje, ser considerada como o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social” (UNESCO, 1982, p.39). A relação com o sagrado é um aspecto essencial do ser humano e, portanto, faz-se presente nas diversas culturas, apresentando as mais distintas expressões nas tradições, crenças e valores. O Iluminismo duvidou da força dessa dimensão humana apostando que as luzes da razão, inevitavelmente, levariam ao declínio da fé, das religiões e suas práticas. O termo secularização passou a ser usado para designar esse processo. Max Weber usava a expressão “desencantamento do mundo” para mostrar os efeitos negativos da modernidade sobre a religião. No entanto, Peter Berger afirma que levou 25 anos para perceber que algo não estava correto na teoria da secularização e chegou à conclusão que ela era insustentável.

“A modernidade não leva necessariamente à secularização. A modernidade leva necessariamente ao pluralismo”, afirma o autor (BERGER, 2017, p.53). Sobre o pluralismo, afirma:

O nosso principal erro foi que compreendemos mal o pluralismo como sendo apenas um dos fatores que sustentavam a secularização; de fato, o pluralismo, a coexistência de diferentes cosmovisões e sistemas de valores na mesma sociedade, é a maior mudança provocada pela modernidade e relação ao lugar da religião, tanto nas mentes dos indivíduos quanto na ordem institucional. (BERGER, 2017, p.10).

Certamente não podemos negar que o discurso secular se faz presente nas mais diversas esferas das sociedades. Um exemplo claro é a relação entre Igreja e Estado, sobre a qual não há dúvidas de que, pelo menos no Ocidente, a laicidade dos estados é defendida por vários países. Quanto a esta questão, vale a pena conferir o estudo de Ari Pedro Oro, professor associado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que trata da situação legal existente em 27 países da Comunidade Econômica Europeia e 20 países latino-americanos acerca das relações entre Estado e religiões. Na Europa, por exemplo, sete países sustentam a separação entre Igreja e Estado e treze países defendem a separação entre essas instituições, dispensando, porém, uma relação preferencial a certas

Igrejas e religiões devidos a acordos bilaterais ou concordatas (ORO, 2011, p.223). Observamos também um número crescente de pessoas que expressam o não pertencimento a nenhuma instituição religiosa. Uma pesquisa mundial realizada pela WIN/Gallup no final de 2016 revela que 67% dos chineses declaram-se ateístas, 23% sem religião e apenas 9% seguem determinada religião. Na França, 21% são ateus e no Japão, 29% da população. Na Alemanha, a maioria também diz não ter nenhuma religião (46%), contra 34% com religião.<sup>1</sup>

Por outro lado, como nos afirma Berger, “o mundo contemporâneo, com poucas exceções, é tão intensamente religioso como qualquer outro na história. Todas as principais tradições religiosas não somente sobrevivem, mas geraram poderosos movimentos de renovação.” (2017, p.55). Berger relata que os cristãos continuam numerosos, o islamismo continua crescendo e, apesar do comunismo, todas as religiões estão em pleno vigor na China. No entanto, talvez o fato mais interessante de nossa época seja a comunicação e relação existente entre mundo religioso e secular, ou seja, a espiritualidade não foi aniquilada e nem está delimitada entre os muros das instituições religiosas, mas o rompimento das fronteiras das religiões instituídas possibilitou a expansão do sagrado para o mundo secular.

Olhar para nosso mundo hoje é contemplar um grande mosaico, cheio de vida, de movimentos e cores que ecoam da fecunda diversidade das culturas. Manter a atitude de respeito à diversidade e tolerância é fundamental para garantir harmonia e paz face ao pluralismo cultural e religioso. Este é também um dos maiores desafios de nosso tempo. Em 2002, a Unesco, através da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, frente ao compromisso com a plena realização dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, destaca a importância de políticas que promovam a integração de todos os cidadãos:

Nas nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir a interação harmoniosa e a vontade de viver em conjunto de pessoas e grupos com identidades culturais plurais, variadas e dinâmicas. As políticas que favorecem a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta forma, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que nutrem a vida pública. (UNESCO, 2002)

A Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, celebrado em Paris durante a 33ª reunião da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas entre os dias 3 e 21 de outubro de 2005, foi o último documento produzido pela UNESCO no que se refere à questão da diversidade cultural. O Brasil ratificou o texto oficial através do Decreto Legislativo 485/2006. No preâmbulo dos artigos, o texto recorda ao público leitor que a

---

<sup>1</sup> Informação disponível em: WIN/Gallup International Survey 2017  
[www.wingia.com/web/files/news/370/file/370.pdf](http://www.wingia.com/web/files/news/370/file/370.pdf) Acesso em: 30 out 2017.

diversidade cultural é, dentre outras coisas, uma característica essencial da humanidade e constitui seu patrimônio comum, a ser valorizados e cultivado em benefício de todos. Segundo o documento, “a cultura assume formas diversas através do tempo e do espaço, e que esta diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade das identidades, assim como nas expressões culturais dos povos e das sociedades que formam a humanidade”. (UNESCO, 2005)

Percebemos que o contexto pós-moderno e o fenômeno do pluralismo cultural e religioso estão inexoravelmente entrelaçados, sendo fonte de inúmeros benefícios como também de conflitos. Reconhecer a igual dignidade e respeitar todas as culturas e expressões religiosas são condições fundamentais para a coexistência na diversidade. Hans Kung, teólogo suíço, em um pronunciamento na câmara dos Deputados, em Brasília, no dia 25 de outubro de 2007, ao falar sobre a ética mundial, ressaltou que “não há paz entre as nações sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo e cooperação entre as culturas; não há sobrevivência para o nosso planeta sem uma ética global”. Assim, defender e promover a diversidade cultural é imprescindível e indissociável do respeito pelos direitos humanos.

## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GIDDENS, Anthony. *Consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 4.e.d. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12.e.d. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRANT. Disponível em: [http://migration.iom.int/docs/2016\\_Flows\\_to\\_Europe\\_Overview.pdf](http://migration.iom.int/docs/2016_Flows_to_Europe_Overview.pdf). Acesso em 18 nov 2017.
- KUNG, Hans. *Discurso na Câmara dos Deputados*. Brasília, 25 outubro 2007. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/eticaedecoro/arquivo-morto/balanco-2007-do-conselho-de-etica>). Acesso em: 29 nov 2017.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introduction à l'Oeuvre de Marcel Mauss. In: LAPLANTINE, Francois. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente: Algumas considerações. *Civitas*, Porto Alegre, n.11, 221-37, mai-ago 2011.
- TEIXEIRA, F.; DIAS, Zwinglio M. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008.
- UNESCO. *Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais*. Brasília: UNESCO, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Paris: UNESCO, 2002.
- VIANA, Gabriela. *Refugiado Sírio é atacado em Copacabana: "Saia do meu país!"*, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/refugiado-sirio-atacado-em-copacabana-saia-do-meu-pais-21665327>. Acesso em 6 out 2017.